

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Congresso renova-se mas continua o mesmo

A esperança de uma saudável renovação dos quadros políticos saltando das urnas — ainda embaladas pela onda de mudanças que nobilita o país desde o movimento que derrubou o arbítrio —, não está encontrando resposta no desinteresse da campanha, na indigência irritante dos programas do horário gratuito e nos índices das pesquisas que registram, em vários estados, o favoritismo saudosista de lideranças veteranas.



Um pouco de cautela não faz mal a ninguém. Certamente que é muito cedo, a um mês e vinte e dois dias da eleição, para extrair conclusões diante da frieza do eleitorado que permanece indiferente, mais desligado do que indeciso.

Daqui para 3 de outubro, o panorama deve mudar, tem que mudar. Até porque não é possível realizar eleição nesse clima. Portanto, as previsões de abstenção recordista, acima de 40%, nas eleições parlamentares, talvez sofram retificações determinadas pelo clássico aquecimento da reta final, quando a campanha rompe o gelo e toca a alma do eleitor.

Pode ser. De qualquer jeito, não dá ainda para antever até onde o eleitor desencantado orientará o voto da frustração para a renovação dos decepcionados quadros parlamentares que povoam o Congresso e as assembleias legislativas. Quanto a governadores, já se antecipa o que vem por aí, na marcha à ré tão imprevista quanto justificada pela pasmaceira que se abateu sobre a atividade política.

Bem analisadas as coisas, importará muito pouco ou mesmo nada que a renovação do voto troque todos, muitos, poucos ou nenhum dos ilustres e bem remunerados deputados federais e estaduais e o terço de senadores.

Ora, renovar não é trocar nomes. Um verdadeiro movimento de mudança reclama bandeiras de fácil identificação popular, sustentadas pelo articulado de idéias coerentes. O anseio de mudança necessita do respaldo de um programa. Pelo menos de algumas propostas nítidas, transparentes, e que despertem o apoio da sociedade.

O país mudou quando o povo ocupou a rua, juntou multidões, forjou o consenso e varreu a ditadura dissimulada do rodízio de generais-presidentes. A ilusão do cruzado, em 86, saudou a mudança que não aconteceu e acumulou de votos a mentira do PMDB do doutor Ulysses Guimarães. E, mais recentemente, na campanha presidencial, no mano a mano do segundo turno, o país rachou ao meio no risco de um confronto que parecia ideológico e depois se viu que era apenas um jogo de palavras enfatizadas pela mimica da velhacaria.

Alguma coisa teria que mudar com qualquer resultado. As mudanças estão aí mesmo, no jorro de medidas provisórias. Só o ma-

niqueísmo de direita versus esquerda era um truque de campanha para enganar o eleitor.

Pois agora, nem isso. Se há uma evidência a saltar da campanha, da apatia do eleitorado, da cantilena xaroposa dos candidatos, é que esta eleição não mudará nada. Ao contrário, está sendo conduzida com extremos cuidados para que tudo continue na mesma.

Que sentido prático terá, por exemplo, a aparência de renovação com a troca de mais da metade dos deputados federais e estaduais e do terço de senadores? Rigorosamente, nenhum.

Mareado pela embriaguez dos dois turnos da eleição presidencial, curtindo a ressaca do porre da decisão que apaixonou o país, o eleitor não encontra, oito meses depois, motivação nem encanto nessa campanha tão desenxabida, enfadonha e triste como uma gravação de João Gilberto.

A rigor, tanto faz como tanto fez que eleja João ou reeleja José. Os dois são farinha encaroçada do mesmo saco carunchoso. Evidente que a presença de valores expressivos areja o plenário, ajudando a dissipar o denso fumacê da mediocridade que enodou, por exemplo, o confuso texto da Constituição inconclusa de 88.

Não é disso que se trata. Mas, de constatar que a desorganização partidária enrolou o eleitor nos panos da indiferença. Ele não tem como definir seu voto na comparação de propostas contrastantes. Partidos e candidatos se equivalem e se dissolvem na geleia do mesmíssimo discurso, mistificado com os recursos da propaganda sofisticada e milionária — praga que grassa como epidemia no vazio da perplexidade apalermada. Ninguém afirma nada para não se comprometer: a campanha está em cima do muro.

Se o voto não tem como impor mudanças, a realidade fará sua parte na hora própria. O Legislativo, tal como os governadores, de uma maneira ou de outra, serão forçosamente cooptados pelo irreversível ímpeto reformista que vem assinalando a trajetória das viradas em série, desde que o povo descobriu o estreito atalho da participação.

A eleição que deveria ser marcar um instante de aceleração, degenerou em intervalo paralisante.

Dessa vez não se poderá falar em decepção. A eleição não está prometendo nada. Desvenda-se na véspera, exibindo-se na nudez de seus aleijões.

Registre-se, como uma de suas raras qualidades, a de assumir suas mazelas. A maquiagem enfeitada candidatos, retoca erros, fabrica imagens. Superficiais, como manequinsajeitados na vitrine para estimular a cobiça de compradores, digo de eleitores. Não se está procurando criar a patranha de um acerto de contas ideológico. O centro, sem ser incomodado, aquietou-se. E a esquerda... Bem, onde é mesmo que anda a esquerda? Tomou chá de sumiço, escafedeu-se. Está tão difícil saber do seu paradeiro quanto do governo paralelo do presidente Lula.